



Volume 11 – Número 27
DOSSIÊ: GÊNERO E RELIGIÃO
doi: [10.25247/paralellus.2020.v11n27.p293-311](https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n27.p293-311)

ESPAÇO SAGRADO EM TEXTOS DIDÁTICOS DO ENSINO RELIGIOSO

SACRED SPACE IN RELIGIOUS TEACHING TEXTS

*Sergio Rogério Azevedo Junqueira**

*Sylvio Fausto Gil Filho***

RESUMO

O presente artigo é resultado de pesquisa com a intencionalidade de apresentar o espaço sagrado como conteúdo e estratégia de ensino para o Ensino Religioso. Apresenta-se o espaço sagrado como categorização do fenômeno religioso, a partir do qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação da espacialidade religiosa. E a partir do estudo de duas coleções: “Redescobrimo o Universo Religioso” (BOM JESUS, 2015 – 2ª ed) e “Ensino Religioso” (PIÁ, 2016 – 1ª ed.) buscando compreender a paisagem religiosa como parte do categorial espacial tem a qualidade de apontar de imediato a sucessão do mundo perceptual das religiões e revela padrões articulados presentes na própria dinâmica dos espaços religiosos vividos. Nos últimos anos tem ficado claro que o livro didático sofre múltiplas influências, entre outras aquelas advindas das políticas educacionais de sua época destacadas, além, é claro, daquelas do mercado editorial que influenciam sobremaneira o produto. Sofre influência e influencia não só a produção, distribuição e circulação, porém e talvez principalmente a forma

*Livre Docente e Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. Pós-Doutor em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará. Doutor e Mestre em Ciência da Educação pela Università Pontificia Salesiana de Roma. Especialista em Metodologia do Ensino Religioso pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de MG.

** Pós-Doutor em Epistemologia da Geografia Humana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná.



como as relações se dão na escola, refletindo sobretudo na construção da disciplina Ensino Religioso.

Palavras-chave: Espaço Sagrado; Livro Didático; Ensino Religioso.

ABSTRACT

This article is the result of research with the intention of presenting the sacred space as content and teaching strategy for Religious Education. The sacred space is presented as a categorization of the religious phenomenon, from which it is possible to reconstruct meanings that present a deeper understanding of the interpretation of religious spatiality. And from the study of two collections: "Rediscovering the Religious Universe" (BOM JESUS, 2015 - 2nd ed.) And "Religious Education" (PIÁ, 2016 — 1st ed.) Seeking to understand the religious landscape as part of the spatial category. quality of immediately pointing out the succession of the perceptual world of religions and reveals articulated patterns present in the dynamics of the lived religious spaces. In the last few years it has become clear that the textbook has suffered multiple influences, among others those arising from the educational policies of its time highlighted, in addition, of course, to those in the publishing market that greatly influence the product. It is influenced and influences not only the production, distribution and circulation, but and perhaps mainly the way the relations take place at school, reflecting mainly on the construction of the discipline Religious Education.

Keywords: Sacred Space; Textbook; Religious Education.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa com a intencionalidade de apresentar o espaço sagrado como conteúdo e estratégia de ensino para o Ensino Religioso. A origem da presente pesquisa se dá a partir de dois estudos do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER), no Programa Concepções e Recurso do Ensino Religioso. Esse programa tem a perspectiva de analisar o contínuo processo de construção da identidade do Ensino Religioso como componente curricular no cenário da educação brasileira e seus diferentes recursos e estratégias de ensino, objetivando a integração com a formação docente.

O primeiro estudo do IPFER foi uma revisão sobre a memória do Livro Didático do Ensino Religioso brasileiro e a diversidade entre 1996 a 2014. O segundo, que identifica e analisa os conceitos da geografia da religião utilizados nos textos didáticos produzidos no Paraná no Ensino Religioso para os anos iniciais do Ensino

Fundamental, no período de 2006 a 2016, favoreceu como se verá, a elaboração de orientações para os professores deste segmento escolar.

Como fonte relevante de análise para estudos sobre a concepção e formação docente no Ensino Religioso, a partir desse programa foi elaborado o Projeto Livros Didáticos desenvolvidos em três etapas:

Etapa 1 — iniciado no ano de 2005 como piloto a partir do estudo da Coleção Redescobrimo o Universo Religioso. Foram levantados conceitos e percepções do Ensino Religioso e encerrou-se essa etapa em 2009 com o mapeamento de 745 livros didáticos de Ensino Religioso.

Etapa 2 — entre os anos de 2013 a 2016 foi possível organizar a história do livro didático do Ensino Religioso brasileiro a partir do mapeamento da Etapa 1. Essas pesquisas foram subsidiadas por duas agências de fomento. Inicialmente a Fundação Araucária e posteriormente com a Bolsa Universal do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).

Etapa 3 — Os dados mapeados e analisados, assim como o levantamento bibliográfico sobre o tema do Livro didático no Ensino Religioso permitiu que fosse elaborada e implantada uma Coleção de livros Didáticos para os cinco primeiros anos do Ensino Fundamental pela Editora Piá (Curitiba). A coleção foi implantada em 2017 alcançando cerca de 20.000 estudantes.

Portanto, o que se pretende é apresentar o espaço sagrado como categorização do fenômeno religioso, a partir do qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação da espacialidade religiosa.

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, ou seja, o que faz sentido para o sujeito, percebido e manifesto pela linguagem, com o fenômeno posto em suspensão. Trabalha também com o que se apresenta significativo e relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem. Assim, o presente texto apresenta duas coleções: “Redescobrimo o Universo Religioso” (BOM JESUS, 2015 – 2ª ed) e “Ensino Religioso” (PIÁ, 2016 – 1ª ed.) e a partir disso busca favorecer a reflexão sobre a Geografia da Religião em textos didáticos do Ensino Religioso.

Assim, discute-se sobre o espaço como uma leitura do religioso e o livro como mediação de aprendizagem para a leitura dos espaços.

2 ESPAÇO: UMA LEITURA DO RELIGIOSO

O espaço geográfico deve ser avaliado sob a ótica das relações sociais, políticas e econômicas vigentes nos diferentes momentos de evolução da humanidade. No início da obra organizada por D. Cosgrove e S. Daniels intitulada *The Iconography of Landscape* (1988, p. 1) a paisagem é definida como um caminho pictórico que representa estrutura ou simboliza um entorno. Ele pode ser material ou imaterial podendo expressa na empiricidade imediata ou através de uma obra artística ou literária.

A paisagem é parte do categorial espacial que a ciência geográfica clássica formulou inicialmente como base de compreensão do mundo onde a composição da observação integra estética e, funcionalmente, como uma parte do todo da superfície terrestre.

A paisagem, a partir desse arcabouço teórico, emerge como representação e se apresenta como uma objetividade imanente de uma subjetividade do sujeito, pois também é um específico olhar sobre o mundo. Portanto se consideramos a leitura da paisagem como um texto a ser decodificado ela é projeção de nosso mundo como também representa o mundo. Assim há uma dimensão de campo religioso ao qual estruturalmente nos referimos.

Deste modo, as espacialidades podem ser consideradas como inerentes ao sistema simbólico na estruturação funcional da experiência humana no que tange a sua dinâmica conformadora neste caso, do mundo da religião.

A espacialidade representacional, que se refere à ação conformadora da linguagem, que compreende o âmbito intuitivo. Nesse espectro as representações se objetivam quando se percebe o fenômeno projetado em um quadro de referência que perfaz o cotidiano. A linguagem transforma as percepções em representações.

A espacialidade teórica é inerente ao mundo concebido conformado pelo conhecimento lógico. É uma dimensão abstrata que age em seu poder simbólico unificador na conformação dos fenômenos que anteriormente foram percebidos e agora são objetivados como representação na própria experiência humana.

A espacialidade expressiva, própria da atmosfera mítica, onde a experiência da concretude imediata do mundo perceptual enseja o sentido primevo do real. Cassirer (1997, p. 128) apresenta o mito em seu sentido duplo de um lado demonstra estrutura conceitual e de outro uma perceptual. Não pode ser considerado como aglomerado de ideias sem sentido. Possui uma lógica determinada e circunscrita a uma percepção do mundo específica.

A paisagem religiosa é um recorte qualitativo do conceito geral de paisagem como uma composição de elementos integrados em um senso estrito de observação, onde há protagonismo de elementos dominantes de caráter religioso. Nesse sentido, são representações da cultura religiosa expressa enquanto paisagem. Esta apreensão que resguarda uma dimensão estética inerente ao conceito, avança a outras possibilidades de composições superpostas em tempos e em diferentes culturas religiosas.

Como as estruturas religiosas são a marcas da religião, a paisagem pode ser entendida como a realização do sentido religioso de percepção de mundo. Portanto, a religião pode ser apreendida como estrutura estruturante da paisagem assim como percebida externamente por nós e captada nesse estrito âmbito.

Essa maneira de prospectar o fenômeno religioso dá uma base intuitiva de um lado e representacional de outro. Assim, a composição paisagística fica suscetível a uma abordagem hermenêutica. A religião se imagina enquanto paisagem, pois ela está intimamente fincada no mundo representacional e faz parte da ambiência religiosa onde essa composição expressiva da realidade se justifica. Um caminho de reciprocidade entre o sentido que observamos e a realidade observada. Dessa maneira, as determinações estruturadas da paisagem são intuitivas, abarcando uma diversidade de composições de percepção tidas como universais.

A paisagem propriamente religiosa, nessa base, implica em uma concepção do que seja adjetivado de religioso em relação ao conceito geral de paisagem. Em uma teorização cassireriana (CASSIRER, 2011, p. 29), a paisagem se apresenta para nós como processo de conformação simbólica do universo da cultura. A partir dessa premissa, a paisagem está além de suas características percebidas inicialmente ela se realiza pelo processo de sentido e significado mediados pelas formas simbólicas. Assim a paisagem é expressão do mundo da cultura e esquema de representação desse próprio mundo. É exatamente no que tange ao caráter simbólico desta representação que podemos inferir o atributo religioso.

A diversidade de práticas religiosas acarreta diferentes expressões espaciais em várias escalas. Ao usar critérios de escalas regionais e mundiais somente representa-se o sistema religioso majoritário. É na escala local que uma pluralidade religiosa se evidencia. Assim, o intrínseco localismo do sistema religioso revela seu rico dinamismo que dá a base de apropriação didática.

Portanto, a paisagem religiosa como parte do categorial espacial tem a qualidade de apontar de imediato a sucessão do mundo perceptual das religiões e revela padrões articulados presentes na própria dinâmica dos espaços religiosos vividos. Apresenta os elementos evidentes das práticas religiosas, como também revela a dinâmica religiosa, suas características, suas intencionalidades e seus símbolos, trazendo a materialidade imediata edificada historicamente pelos sistemas religiosos e ultrapassada nas representações religiosas onde os sentidos mais sutis emergem a partir da tradição e dos textos sagrados.

Tendo em vista a dinâmica da paisagem religiosa podemos pensar em seus níveis de interpretação ou espacialidades. As espacialidades são conformações simbólicas dos sujeitos em seu afã de estruturação do mundo da cultura. São projeções de sentidos simbólicos na percepção da realidade em um espaço de ações, por assim dizer, uma Gestalt da vida sob a refração simbólica da religião.

A espacialidade do discurso religioso é uma dimensão própria da religião. Trata-se de uma desconstrução heurística da espacialidade expressiva e a espacialidade representacional. Considerando a dinâmica dos sistemas religiosos de convergência

ética, tendo por base um texto sagrado fundador e sua projeção moral nas práticas religiosas.

Templos e santuários são elementos da paisagem ligados diretamente a uma matriz religiosa e podem ser o início da descoberta da paisagem religiosa a partir do entorno do estudante, trabalhando seus conhecimentos prévios e suas representações sociais em seu cotidiano. Como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem, o estudante começa a leitura do espaço pelo espaço sacralizado que galvaniza uma rede de discursos e práticas religiosas, permitindo a experiência religiosa que fornece um sentido de propósito sacralizado. Nesse contexto, o mundo percebido é ressignificado pelo rito e discurso religioso. Realiza-se uma atmosfera de inspiração de contato com discurso fundador da religião.

Outros elementos da paisagem religiosa podem ser identificados pelas edificações de caráter religioso além dos locais de cerimônias e cultos como por exemplo a ressignificação religiosa de formas da natureza; as necrópoles; as estruturas de função social mantidas por organizações religiosas como escolas e hospitais, santuários, centros de peregrinação e festas religiosas, por exemplo.

3 LIVRO COMO MEDIAÇÃO APRENDIZAGEM

Os livros didáticos são fonte e objeto desta pesquisa e para investigá-los é necessário compreender que podem ser apreendidos de modo bastante diferenciado. Para tal, é necessário pensar nos múltiplos conceitos possíveis em material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação.

O Ministério de Educação indica que é possível melhor entendê-los analisando seus reflexos sobre a própria História da Educação, compreendendo conceitos e características, indo além daquilo que está apresentado nas páginas do Livro, ou seja, nos processos produtivos, de distribuição e recepção do conhecimento, analisando a forma como as pessoas recebem e transformando-nos, podendo ser limitador ou transformador para as aprendizagens (RENGEL, 2005, p. 189).

Dessa multiforme massa, que se ocupa a História da Educação, não há uma apreensão completa, pois “muito do que ocorre no universo da educação ainda é pouco conhecido pelos pesquisadores – e mesmo pelos professores” (LOPES e GALVÃO, 2010, p. 11), esse contato com o que é novo, ou “contato com o que é diferente pode possibilitar, por similitude e diferença, uma maior compreensão de si e da própria cultura” (idem), e que conforme apresenta Le Goff é objeto cultural, que visa promover o processo civilizador.

Essas múltiplas facetas, componentes do ensinar e aprender, são vastos campos de pesquisa cuja investigação pode auxiliar a compreensão a respeito da construção das disciplinas. Isso está de acordo com o que ensina Lakatos e Marconi (2007, p. 107) quando dizem que “as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época”.

O material didático pode ser caracterizado pela seriação dos conteúdos; mercadoria; depositário de conteúdos educacionais; instrumento pedagógico, portador de um sistema de valores, suporte na formulação de uma História Nacional, fonte de registros de experiências e de relações pedagógicas ligadas a políticas pedagógicas da época; e ainda materiais “reveladores de ângulos do cotidiano escolar e do fazer-se da cultura nacional conforme aponta Gatti Junior (1997, p. 30).

A respeito da história do livro, para Chartier (1976) o livro é portador de cultura que é transmitida pelas imagens e textos, indo além das relações de conhecimento, influenciando aquelas de poder e autoridade, através do capital cultural ou social, aferindo ou não importância às pessoas, promovendo ou não posição de prestígio — o que se reflete no modelo de civilidade praticável em determinada época. Mas também é uma mercadoria produzida para o comércio e, portanto, deve gerar lucro.

Enquanto “produto” ou “mercadoria” pode refletir diferentes correntes pedagógicas e, algumas vezes, pode ser acusado por fragmentar o conhecimento, além do empobrecimento conteudístico e esvaziamento da reflexão crítica.

Dessa maneira, é necessária reflexão que vá além do autor, sua obra e sua intenção imediata, pois Chartier (1976) demonstra que as relações com editores, ilustradores e

leitores influenciam diretamente no objetivo final. Em especial com relação aos didáticos da disciplina é perceptível que a uniformidade de pensamento, divulgação de crenças e inculcação de valores e normas podem variar na forma como influencia diferentemente de pessoa para pessoa, e grupo para grupo — pois as possíveis leituras e utilizações que dele se faz e se dá são múltiplas.

Quer seja em seu conteúdo ou na disposição técnica de sua materialidade o livro comunica e é testemunho (histórico) que pode assumir diferentes significados (BURKE, 2005). Em especial ao buscar entendê-lo enquanto livro didático como produto cultural de uma sociedade, está interligado à própria cultura de sua época, métodos de ensino e interesses editoriais.

Historicamente e soberanamente no formato impresso, o livro tem demonstrado uma mudança em sua apresentação com a popularização de acesso a novas tecnologias e mídias, inclusive nas salas de aula.

A materialidade dos livros deve ser entendida não somente como suporte, pois: manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que devem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis.

4 LIVROS DIDÁTICOS E O ENSINO RELIGIOSO

Nessa multiplicidade de influências, leituras e utilização dos livros, se confirma o pensamento que a “leitura de um livro é ato contraditório, e estudar seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão de uso desse objeto cultural” (BITTENCOURT, 2008, p. 15), visando à complexidade enquanto instrumento formativo.

Em sua composição o livro pode exprimir diferentes significados, que variam, por exemplo, pela forma como são arranjados os conteúdos, exercícios e, além disso, o modo como são organizados os dispositivos técnicos da sua materialidade. É objeto que desperta interesse por ser mercadoria produzida para o comércio e lucro, e ainda abrange um conjunto de relações de conhecimento, autoridade e poder que

asseguram, por meio do capital social ou cultural, uma posição de prestígio no âmbito dessas relações (CHARTIER, 1976, 25).

Nesse sentido, segundo Grabar (1998, p. 27-31), é uma propriedade desse espaço a imbricação de três valores solidários. Inicialmente o espiritual, que reúne os significados míticos e éticos da religião que simbolicamente se refletem em forma, imagem e prática social. Em seguida o cultural, que emerge das práticas sociais e dos costumes, conferindo o seu caráter de representação e remete à consciência do seu passado e situação geográfica. E, finalmente, o estético, que é a forma de expressão e imagem inspirada em valores religiosos e que possuem uma diversidade, devido ao contexto histórico do lugar.

Os protocolos de leitura são, além do material, um conjunto de dispositivos para a prática da leitura que “define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que orienta a direção do olhar esboçando a leitura ideal na perspectiva de autores e editores (CHARTIER, 1996, p.20)”.

Buscando a compreensão da história do Ensino Religioso buscou-se o aporte metodológico e teórico da História Cultural cuja flexibilidade pode ampliar a visão a respeito do objeto desta pesquisa.

Optou-se pelo posicionamento histórico em Chartier, tendo em vista seus conceitos de representação e apropriação, obtidos em pesquisas cujo foco foi os impressos e suas diferentes leituras, que podem contribuir também para a formação docente.

Servir-se de aporte teórico que este autor desenvolve, é poder refletir a respeito da representação e apropriação dos livros didáticos na construção do Ensino Religioso e descobrir, conforme aponta Chartier (2002, p. 59), “um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nas condutas aparentemente menos ‘culturais’”.

Isso vai além do entendimento de ser a cultura estabelecida somente por uma estrutura, como se fosse um nível à parte do todo social (JUNQUEIRA; KLUCK, 2014, p. 407). Na verdade, é necessário pensá-la como o todo das relações, incluindo as econômicas ou sociais, que envolvem os esquemas de percepção e de apreciação de diferentes sujeitos e suas representações constitutivas – e a isso se pode chamar Cultura (CHARTIER, 2002, p.59) que inclui a dimensão prática da vida.

Com essa perspectiva, é possível verificar alguns aspectos nas duas coleções analisadas, “Redescobrimo o Universo Religioso” (BOM JESUS, 2015 – 2ª ed.) e “Ensino Religioso” (PIÁ, 2016 – 1ª ed.).

Inicialmente, a Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso” define como objeto de estudo o fenômeno Religioso, porém não há uma definição de sua ciência de referência, assim como não são explicitados os critérios para as escolhas das Tradições Religiosas abordadas na obra. Uma autora é Licenciada em Pedagogia (responsável pelo primeiro volume) e o outro Licenciado em Filosofia, ambos profissionais que estão vinculados à rede que organizou a obras.

As referências teóricas explicitadas no livro do Professor são as seguintes: Diversidade Religiosa, estudo sobre o fenômeno religioso, julgamento moral a partir de Piaget e Yves de La Taille, assim como a compreensão do tempo e do espaço, articulado como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso (PCNER, FONAPER – 1997). Na organização da estrutura didática são estabelecidas três fases: introdução, interagindo e teia de ideias.

Verifica-se que os textos e imagens estão em acordo com a faixa etária, assim como uma clareza conceitual ao longo dos livros. Para organização dos conteúdos existe uma explicitação dos conceitos que são exemplificados por meio das religiões para a compreensão do fenômeno religioso na sociedade, verificando que o conteúdo efetivamente explora a leitura do fenômeno religioso a partir de situações do cotidiano dos estudantes, além do que existe exploração de exercícios com atenção a produção escrita, quanto aos temas referente à educação para cidadania foram identificados de forma dispersa temas como preservação da natureza, inclusão e questões étnico racial.

Na segunda coleção da Editora Piá (2016 – 1ª ed.), denominada de “Ensino Religioso” os livros foram elaborados por duas autoras responsáveis por toda a coleção simultaneamente, ambas com formação no *stricto sensu* e são pesquisadoras com publicação na área deste componente curricular e com prática na sala de aula. Propondo como objeto de estudo o fenômeno religioso e com indicativo que a ciência de referência é a Ciência da Religião, escolheram as tradições religiosas a partir do impacto na sociedade brasileira, indicadas pelo Censo de 2010 (IBGE, 2010). Foram

criados personagens com a intencionalidade de dialogar com os estudantes, visando a compreensão dos diferentes aspectos explicitados nas religiões. Nos referenciais teóricos dialogam com o Fenômeno Religioso, a psicologia do desenvolvimento a partir de Piaget e Fowler na obra *Estágios da Fé* (1992), assim como a questão da diversidade religiosa.

Os livros foram articulados em três seções como itinerário pedagógico: Levantamento de conhecimentos prévios e também potenciais a respeito do tema a ser abordado, posteriormente o conhecimento da diversidade cultural-religiosa vinculado ao tema proposto, respeitando as limitações e potencialidades de cada grupo e faixa etária, finalizando com uma Síntese do apreendido e/ou transposição para a prática.

Compreendendo que os textos estão em acordo com a faixa etária e verifica-se uma clareza conceitual, assim como que as imagens diversificadas, existe uma relação muito bem elaborada entre desenhos e figuras com os textos. Com esta perspectiva os conceitos estabelecidos a partir da proposta da Ciência da religião e da Psicologia do Desenvolvimento exemplificado nas tradições religiosas visando à construção conceitual para compreender o fenômeno religioso, efetivamente o conteúdo explora a leitura do fenômeno a partir do desenvolvimento cognitivo e da situação dos estudantes, com uma coerência na construção dos temas, a partir dos eixos selecionados que são o *ethos*, expressões, linguagem e as cosmovisões, com destaque para os exercícios colaboram na revisão, análise e reflexão dos conteúdos, estimulam o olhar estético, além de uma explicitação com o trabalho sobre a questão da inclusão, étnico, meio ambiente e gênero (mulher) e diversidade.

5 ESPAÇO NOS LIVROS DIDÁTICOS PARA A COMPREENSÃO DO RELIGIOSO

Nas duas coleções de livros didáticos para os cinco primeiros anos do Ensino Fundamental, para compreender a leitura religiosa a partir dos espaços, verificou-se como exemplificação a aplicação de quatro categorias para compreensão de espacialidade.

Inicialmente a compreensão de que por meio do espaço explora-se a questão da percepção e lógica do universo mítico como por exemplo, no livro do terceiro ano da Coleção “Redescobrimo o Universo Religioso” quando explora na diversidade cultural

enquanto espaço na indicação dos nomes nos recém-nascidos que explora um jeito de ser no mundo. A expressividade do espaço mítico corrobora para estabelecer as diferentes formas de introduzir o recém-nascido nas sociedades. Apresenta-se a seguinte narrativa:

É possível perceber a Religião está presente na vida, em diferentes culturas, inclusive, em muitos casos, determinado o nome dos recém-nascidos. Vale lembrar que tais nomes são escolhidos com cuidado, carinho e identificam uma pessoa, por isso merecem todo o respeito. Então, nada de ficar dando apelidos ofensivos, hem? Você sabia que, na aldeia indígena Katukina, os bebês podem receber um nome em português e outro em sua língua nativa, o qual também deverá ter pertencido a um antepassado, porém não há uma cerimônia religiosa? No hinduísmo, o sacerdote estuda, por meio de um mapa astral, a posição dos astros em relação à Terra no momento do nascimento é que o bebê recebe o nome em uma cerimônia chamada Namakara [...]. (COLEÇÃO REDESECOBRINDO O UNIVERSO RELIGIOSO, 2015, 2 ed. – 3v., p. 21-23).

Na Coleção de “Ensino Religioso” na narrativa indígena sobre o Monte Roraima identifica a percepção mítica a partir de uma elevação resultado da experiência do Imanente de uma comunidade.

Monte Roraima. Existe um mito indígena que conta que, há muito tempo, na região onde estão as fronteiras de Brasil, Guiana e Venezuela, não existia nenhuma elevação, ou seja, as terras eram muito planas. Os povos nativos caçavam, pescavam e coletavam frutos. Um dia, nasceu uma barreira forte e cheia de frutos; porém, havia uma orientação para que ninguém tocasse nela ou em seus frutos, pois era sagrada. Algo terrível aconteceria se isso fosse desobedecido. Uma manhã, a tribo observou que a planta estava cortada. De repente, toda a natureza se mostrou enfurecida: relâmpagos e trovões foram vistos e ouvidos por toda parte; os animais escarpam da região; a terra abriu-se e surgiu, crescendo até os céus, o Monte Roraima. Muita cachoeira desce por suas laterais e é comum que se diga que o monte está “chorando” pela desobediência humana (COLEÇÃO ENSINO RELIGIOSO, 2016, 1ª ed. 3v, p. 27).

Um segundo critério a questão do poder simbólico que unificação do fenômeno religioso, uma exemplificação é no livro do segundo ano que ao explicitar a diversidade dos rituais apresentam-se símbolos que materializam as leituras religiosas das comunidades, para favorecer a compreensão da origem destes símbolos valoriza os espaços diferentes para informar e formar.

As festas e solenidades são diferentes de uma região para outra do país. Essas celebrações relacionam-se à cultura e à religiosidade de

cada povo. As famílias adeptas ao Budismo, por exemplo, religião que teve origem no Nepal (região próxima à China), comemora em maio o nascimento de Buda, com uma festa muito importante para seus seguidores. [...] Os judeus em momentos especiais... Roupas especiais! A partir dos 13 anos de idade, os meninos judeus passam a usar uma espécie de chapéu, chamado Quipá. Nas celebrações de sua religião, eles também podem usar o Talit, que é parecido com um xale de franjas. Esse xale é usado quando os judeus realizam suas orações. Os meninos só ganham um quando fazem o Bar Mitzvah – que é uma festa judaica muito importante (COLEÇÃO ENSINO RELIGIOSO, 2016, 1ª ed. 2v, p. 65-68).

A preocupação em demonstrar a materialização dos símbolos com a espacialidade é verificada em registrar cartograficamente esta relação como a ilustração a seguir.

Figura 1: Coleção Ensino Religioso. Livro do 2º ano.



Fonte: Livro do 2º ano (2016, p. 65) – Ilustração de Dayane Raven.

Na Coleção da Editora Bom Jesus (2015, 2ª ed) a representação cartográfica é uma estratégia de ilustração não tão presente na obra, porém na diagramação é possível perceber a preocupação de relacionar o simbólico ao espaço por imagens que indicam a localização com o conteúdo de compreensão do fenômeno religioso como nesta unidade sobre a expressão da identidade no livro do quinto ano.

Figura 2: Coleção Redescobrimdo o Universo Religioso Livro do 5º ano.



Fonte: Coleção Redescobrimdo o Universo Religioso Livro do 5º ano. (2015, p. 40-41).

Ilustração de Diversi Marketing Educacional.

O terceiro critério uma espacialidade abstrata, porém que está imbricado em seu conteúdo exigindo uma iniciação a informação vinculante a experiência humana. Especificamente para o primeiro ano escolar com estudantes entre cinco e seis anos indicar textos e imagens que implicitamente contenham informações para introduzir uma alfabetização das manifestações religiosas como nesta exemplificação na Coleção Piá do primeiro ano que aborda em diálogo o pertencimento religioso.

Sabia que quando eu era pequeno fui apresentado na minha igreja? Algumas igrejas evangélicas têm esse ritual para lembrar que isso foi feito com Jesus quando ele era bebê? No hinduísmo é diferente a cerimônia do nome. Eu vi fotos de bebê participando desse momento especial” (COLEÇÃO ENSINO RELIGIOSO, 2016, 1ª ed. 1v, p. 14).

Com este diálogo é introduzida a questão do pertencimento simultaneamente da identidade cultural religiosa dos estudantes. Enquanto na Coleção da Editora Bom Jesus é possível localizar de forma objetiva, porém envolvendo texto e imagem

conceitos da diversidade religiosa incorporando imagem cartográfica para a leitura global dos estudantes como na página que segue:

Figura 3: Coleção Redescobrimdo o Universo Religioso Livro do 1º ano.



Fonte: Coleção Redescobrimdo o Universo Religioso Livro do 1º ano. (2015, p. 8).

Ilustração de Diversi Marketing Educacional.

Finalmente o quarto critério articulação a partir do texto sagrado que projeta a moral, as práticas das tradições religiosas. Podemos compreender este critério para compreender ou não o uso do espaço para didaticamente favorecer a compreensão do universo religioso como livro do quinto ano da Editora Piá que para introduzir a questão dos textos religiosos apresenta o papel do discurso como chave de leitura.

“Cada discurso tem objetivos específicos. Conheça, a seguir, algumas pessoas que impactaram a humanidade com seus discursos” (COLEÇÃO ENSINO RELIGIOSO, 2016, 5v, p. 59).

Figura 4: Coleção Ensino Religioso. Livro do 5º ano.



Fonte: Coleção Ensino Religioso. Livro do 5º ano (2016, p. 59) – Ilustração de Dayane Raven.

Ao indicar o país ao qual o líder pertence e que por meio do seu discurso está inspirada nos textos religiosos da tradição a qual pertence. Neste caso compreender que Gandhi natural da Índia a partir dos princípios do hinduísmo conduz seu povo para ações de liberdade. Desta forma a relação do princípio religioso é melhor compreendido ao vislumbrar a cultura que origina esta concepção.

Efetivamente a paisagem religiosa que é a combinação de elementos culturais e naturais permite sistematizar a compreensão da leitura sobre as manifestações religiosas das comunidades, sendo que estas paisagens são parte do espaço social e cultural construído historicamente pelos grupos humanos. Portanto, para a mediação do ensino e aprendizagem favorecem o estudo por parte dos estudantes deste universo simbólico que, porém interfere na organização da sociedade (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANA, 2008,59-60).

6 REFLEXÕES FINAIS

Foram apresentadas duas coleções: “Redescobrimo Universo Religioso” (BOM JESUS, 2015 – 2ª ed) e “Ensino Religioso” (PIÁ, 2016 – 1ª ed.) para favorecer a reflexão sobre a Geografia da Religião em textos didáticos do Ensino Religioso e o livro como mediação de aprendizagem para uma leitura do religioso.

A ideia de que o livro didático seria apenas um manual escolar urge ser rechaçada. Nos últimos anos tem ficado claro que ele sofre múltiplas influências, entre outras aquelas advindas das políticas educacionais de sua época destacadas, além, é claro, daquelas do mercado editorial que influenciam sobremaneira o produto. Sofre influência e influencia não só a produção, distribuição e circulação, porém e talvez principalmente a forma como as relações se dão na escola, refletindo sobretudo na construção da disciplina Ensino Religioso.

Os livros de Ensino Religioso, a partir do espaço como eixo para explorar a leitura religiosa, fazem parte de uma variedade de estruturas de materiais. A paisagem religiosa como uma imagem cultural da religião expressa-se no mundo perceptual e representacional, constituído de marcas pictóricas. Essas marcas são representações simbólicas, como um texto ou uma pintura, que refletem significados religiosos. Como materialidade simbólica, é a realização do ato de impregnar o mundo de significados de forma duradoura.

Portanto, o que se pretendeu foi apresentar o espaço sagrado como categorização do fenômeno religioso, a partir do qual se torna possível uma reconstrução de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação da espacialidade religiosa, na Geografia da Religião.

O uso do espaço como mediação pedagógica para o Ensino Religioso é um percurso que materializa os conceitos do religioso especialmente para os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, portanto esta proposta de investigação de identificar os conceitos da Geografia da Religião para a compreensão do fenômeno religioso na organização deste componente curricular orienta não apenas a elaboração de recursos didáticos como livro, também a formação de professores.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. **Livro didático e saber escolar 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem** – Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- CASSIRER, E. **Filosofia das Formas Simbólicas** - III - Fenomenologia do Conhecimento. Tradução: de Eurides Avance de Souza, São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CHARTIER, R. O livro. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 99-115.
- CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- COLEÇÃO REDESCOBRINDO O UNIVERSO RELIGIOSO. DALDEGAN, V. (1v.) e PEREIRA, M. (2v., 3v., 4v., 5v.). Curitiba: Bom Jesus, 2. ed., 2015.
- COLEÇÃO ENSINO RELIGIOSO. KLUCK, C.; ITOZ, S. (1v., 2v., 3v., 4v., 5v.). Curitiba: Piá, 2016.
- COSGROVE, D.; DANIELS, S. (Org.). **The Iconography of Landscape**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FONAPER. FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- FOWLER, J. **Estágios da fé**. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo; Sinodal, 1992.
- GATTI JÚNIOR, D. **Livros didáticos, saberes disciplinares e cultura escolar**. História da Educação. Capa > v. 1, n. 2 (1997) > Gatti Júnior. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30663/0>. Acesso em 06.09.2017.
- GRABAR, O. **O sentido do Sagrado**. O Correio da Unesco, Rio de Janeiro, v. 16 n 10, out. 1988, p.27-31.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/resultados/resumo.html> Acesso mai/2020.
- JUNQUEIRA, S.; KLUCK, C. **As contribuições da nova história e teologia cultural para a identidade do ensino religioso**. In. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014, 399-412.
- LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LOPES, E.M; GALVÃO, A.M. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática. 2010.
- RENGEL, M. **Qualidade do livro didático: dos critérios da literatura acadêmica aos do programa nacional do livro didático**. Linhas Críticas nº 21, vol. 11, p. 187-200, jul./dez. 2005.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Ensino Religioso**. Curitiba: SEEDPR, 2008.